



VALE DO MUCURI: UMA VIAGEM AO PASSADO

Gecernir Colen

Professor aposentado da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e membro da Academia de Letras de Teófilo Otoni, titular da cadeira 23

“Todo ser vivo tem raízes, veio de outro ser vivo, tem história. Para viver o presente, com prazer e intensidade, é preciso apostar no futuro. Esta aposta só é possível a partir de uma visão crítica do passado” (edição de nº 1 do Jornal Afato)

Os estudiosos de geografia, história, economia e sociologia têm afirmado que as regiões do Mucuri e do Jequitinhonha, embora próximas e à distância muitas vezes confundidas, são detentoras de características próprias, apresentando diferenças de ambientes, movimentos de povoamento e economia. As regiões do Mucuri e do Baixo Jequitinhonha apresentam semelhanças, mas, são bastante diferentes do alto e médio Jequitinhonha.

No século XIX o Baixo Jequitinhonha era descrito como “formado por vales largos cobertos por florestas, chapadas extensas e férteis, grandes áreas planas, de horizontes abertos”. O Mucuri, por sua vez, era descrito como “mares de morros, muito drenados, com poucas áreas planas e vegetação praticamente homogênea, que vai da nascente (rio Mucuri) às divisas da Bahia”.

Até meados do século XIX o vale do Mucuri era inteiramente coberto por uma espessa mata-habitada por índios e infestada de doenças tropicais, como a malária, principalmente na parte baiana do vale. O povoamento do vale do Jequitinhonha começou antes, no início do século XVIII, com a exploração do ouro de aluvião e mais tarde com a exploração de diamantes. Vilas foram fundadas ao longo dos rios, à medida

que os minérios eram explorados. A decadência da exploração do ouro e do diamante aconteceu quase ao mesmo tempo com o declínio das lavouras provocado pelo esgotamento das terras. Esse foi um dos motivos que forçaram a migração de parte dos seus habitantes para as matas do Mucuri.

A necessidade de abrir estradas para atender a proposta econômica de buscar portos comerciais do litoral, para facilitar o escoamento de produtos agro – pecuários do alto e médio Jequitinhonha bem como de aquisição de produtos industrializados procedentes da Europa, do sal do nordeste e de querosene, era apontada por personalidades desde o final do século XVIII.

A autorização para a construção de estradas na região em direção à Bahia foi dada por D. João VI, quando se transferiu com a corte para o Rio de Janeiro, em 1808.

O cenário atual

Desde 1990 o Estado de Minas Gerais está dividido em mesorregiões e microrregiões geográficas. A mesorregião do Mucuri, formada por 27 municípios distribuídos em duas microrregiões, ocupa uma área de 23 mil km² sendo Teófilo Otoni e Nanuque as duas principais cidades. A sua população gira em torno de 450 mil habitantes, com a economia voltada para a exploração de pedras preciosas, de pecuária e agricultura. A sua realidade é de contrastes. Se por um lado apresenta as potencialidades do subsolo, rico em recursos minerais, da riqueza do seu patrimônio histórico e cultural, da diversidade do seu artesanato regional e de seus múltiplos atrativos turísticos pelo outro mostra uma economia estagnada. É notório o empobrecimento da região, conseqüência do enfraquecimento das atividades econômicas. Essas atividades têm sido caracterizadas como sendo de baixo desenvolvimento tecnológico, pouco integradas na economia do estado e situadas à margem dos eixos de desenvolvimento do país. Será que foi sempre assim? Apesar de não ter a resposta e não achar que tenha importância neste momento, venho convidar o leitor para conhecer-se ainda desconhece-se, algumas informações de registro histórico da nossa região.

Uma breve passagem pelo século XX

Godofredo Ferreira, em livro publicado em 1934, descreve a região ainda bastante rica em termos ambientais nos anos 30 do século passado. Sobre a floresta dizia que era densa e repleta de árvores de madeira de lei e de outros tipos, como: ipê, cedro, peroba (de cores várias), jacarandá (de cores várias), pau marfim, vinhático, pau d'arco, cabreuva (ou bálsamo), jequitibá, baraúna, sapucaia, anjico, sucanga, itapicurú amarelo, pau ferro, pau Brasil, guaribú, para-tudo, canela, canelão, massaranduba, orelha de macaco, etc.

Sobre a flora medicinal afirmava que apesar de ser riquíssima era pouco conhecida e pouco aproveitada. Dando exemplos citava: a quina, a poaia, o cipó cravo, o jaborandi, o fedegoso e o fedegosão, a trapuciraba, o melão de São Caetano, o chá de tropeiro, o mentrasto, a erva de Santa Maria, a fava de Santo Inácio, a vassourinha, o chapéu de couro, o cipó d'água, a caroba e a carobinha, a salsa, a salsaparrilha, a buta, a suma, a cabepa, a jalapa, a malva branca, a língua de vaca, o barbaço, o fumo do capeta, a jarrinha, a arnica, o capim-assú, o assa-peixe, a alfavaca, o quitoco, o guiné, a embaúba, etc.

Sobre a fauna dizia que povoavam as matas do Mucuri exemplares de praticamente todos os animais do país e dava como exemplos: a onça pintada, a sussuarana amarela e a de lombo preto, o tigre de um “belo negro aveludado e brilhante”, o jaguatirica, o maracajá, o marisco e as diversas espécies da família dos gatos do mato, o mono, o

guariba, o barbado, a anta, o veado mateiro e o catingueiro, a paca, a cutia, o sagüi, o papa-mel, o cachorro do mato, o tatu peba, o tatu galinha, o tatu do rabo mole, o tamanduá melete, o tamanduá bandeira, a raposa, o gambá, a queixada, o caetetú, a capivara, a lontra, o rato d'água, a preguiça, o porco espinho, o priá, o coelho, o saur^e o quati.

Sobre as aves citava que era comum encontrar em qualquer ponto da região, exemplares tais como: mutum, macuco, zabelê, nambú-assú e o mirim, jacu pemba e o jacu cavalo, pavão, vários tipos de pombas, anhumas, pato selvagem, soccó, soccó-boi, frango d'água etc, assim como todas as aves da família dos roedores-araras, papagaios, jandaias, periquitos, maracanãs, maitacas e as canoras como a araponga, o canário, a Maria preta, o gaturano, o curió, o sabiá amarelo e o branco, o sabiá sica, o bicudo, o bigode, o papa-arroz, o azulão, o sangue de boi e tantas outras.

O rio principal, obviamente, era o Mucuri, cuja nascente fica na serra do chifre, deságua no oceano Atlântico, com os afluentes Todos os Santos, Santo Antônio, Pampan e o Americanas, além do Rio Negro e o São Mateus que corre para o Espírito Santo. Dizia que os rios eram piscosos, presente em abundância o surubi, o robalo, a piracanjuba vermelha, a traíra, o piau, a piabinha cavalo, a piabanha branca, a cachorra, a curvina, o bagre, o roncadour, o pacu – mirim, o cascudo, o lambari “tão saboroso”.

Sobre o subsolo afirmava que o rubí, o topásio, a turmalina, o berilo e o criso-berilo, a água marinha, a ametista, cristais de todas as cores bem como ouro, ferro e a cal virgem enriqueciam o solo da região. Apesar das pedras preciosas terem sido exploradas intensamente, afirmava que o modo de extração era rudimentar.

A região no século XIX

De acordo com outro historiador da região e dedicado pesquisador dos fatos do nosso passado - Dr. Reynaldo Ottoni Porto, a região despertara a atenção dos portugueses logo após o descobrimento do Brasil, para a possível presença de ouro e diamante. Isso, devido às informações prestadas pelos índios da existência de uma “Serra Resplandecente” ou “Serra das Esmeraldas”, situada no nordeste da Província de Minas. A primeira expedição à região foi comandada por Martin Carvalho, em 1550, proveniente de Porto Seguro. Apesar da expedição ter encontrado sinais evidentes de ouro e pedras coradas, regressou sem sucesso.

Outras expedições passaram pelo nordeste mineiro como as chefiadas por Sebastião Fernandes Tourinho (1573) e por Antonio Dias Adorno (1580), também sem sucesso. Entretanto, foi o bandeirante paulista Fernão Dias Paes Leme, o “Caçador de Esmeraldas” que encontrou uma mina de turmalinas verdes, achando que era esmeraldas, próximo à lagoa Vupabussú (lagoa de água preta), no município, hoje, de Itambacuri.

Parece que durante um período de tempo razoável o nordeste mineiro ficou esquecido dos exploradores e colonizadores, sendo habitado unicamente pelos seus primeiros habitantes, os aborígenes.

Ainda, segundo Dr. Reynaldo, data de 1752 a fixação do habitante mais antigo na região, o Mestre de Campo João da Silva Guimarães, que abriu fazenda e cultivou a terra em local à margem do rio Mucuri. Mais tarde foi aberta a fazenda “Mestre de Campo” por Antônio José Coelho, homem rico, de muitos escravos, inclusive, treinados nos ofícios de marceneiro, sapateiro, ferreiro, etc. Mais tarde essa fazenda veio a constituir a sede da Colônia de Francisco Sá.

Em 1829 outra expedição, chefiada por Teixeira Guedes, partiu de Minas Novas à procura de ametistas. E, em 1836, por ordem do presidente da província de Minas, o engenheiro Pedro Victor Renault, percorreu as matas dos rios Todos Os Santos e Mucuri, este até sua foz, no oceano Atlântico, em São José do Porto Alegre, verificando a sua navegabilidade.

Outras expedições, partindo principalmente de Minas Novas, foram organizadas, num primeiro momento, à procura de jazidas de metais e pedras preciosos. Mais tarde as expedições passaram a visar a exploração da floresta, a expansão da fronteira agrícola e a busca de uma saída para o litoral. A abertura de estradas até o Atlântico permitiria o escoamento de suas mercadorias para o mercado consumidor, Rio de Janeiro, principalmente.

Entretanto, a idéia para a abertura dessa estrada, associada ao povoamento da região, somente surgiu em 1841, com Theophilo Benedicto Ottoni, o grande estadista, natural do Serro, de forte índole empreendedora: um homem visionário.

O desbravamento

Com o objetivo de desbravar e colonizar a região do Mucuri, Teófilo Benedito Ottoni fundou, em maio de 1847, no Rio de Janeiro, capital e corte do Império do Brasil, a Companhia de Comércio e Navegação do Mucuri. Em setembro do mesmo ano, no comando de um grupo de 18 pessoas, parte a bordo do vapor “Princesa Imperial”, em direção a São José do Porto Alegre, no sul da Bahia.

De lá seguiu de barco até um lugar, que mais tarde foi denominado Santa Clara (hoje, Nanuque), onde se encontrou, como planejado, com membros de outra expedição que partira de Minas Novas, os Srs. Feliciano Lopes da Silva, Manoel José de Carvalho, Manoel Joaquim da Silva, João Machado Mendonça, Pedro Vieira Ottoni, sob comando de Joaquim Martins Fagundes. Reunidos no meio da floresta, aventureiros e empreendedores arquitetaram planos para conquistá-la. Discutiram as primeiras medidas a serem tomadas. Com as informações e impressões trocadas entre eles, Teófilo Benedito Ottoni regressou ao Rio de Janeiro enquanto os outros companheiros voltaram para Minas Novas.

As incertezas eram muitas naquele momento, após sua volta. O seu irmão, braço direito, morre e o cenário do país era incerto para empreendimentos daquela envergadura. Somente em 1850 aconteceram as reformas que alteraram completamente o quadro econômico, político e institucional do Império, inclusive a legislação sobre a propriedade da terra e sobre o estabelecimento de empresas de capital aberto. Assim, a “Companhia do Mucuri” foi regularizada em 1851. Neste mesmo ano faz uma viagem para uma inspeção mais detalhada sobre as condições de navegação do rio Mucuri, da foz até Santa Clara e também avaliar como poderia abrir uma estrada de rodagem até o local onde mais tarde iria edificar a cidade de Philadelphia. Para tanto contratou o engenheiro polonês Christiano Wisewski que, tragicamente, viria a ser assassinado por um escravo, dos 150 usados pela Cia. Os trabalhos foram paralisados. É obrigado a assumir o comando de toda a empreitada.

Em 1852, para novo encontro com os minas-novences, volta à região. De Minas Novas partiram dois grupos para abertura de picadas na mata fechada. O primeiro partiu do local então conhecido como Alto dos Bois e o segundo de Trindade, ambos em direção ao Aldeamento de Poté. Lá as duas turmas se juntaram, continuando a abertura de picadas até a localidade chamada de Porto das Canoas, no rio Todos os Santos (hoje, Bias Fortes). Ali encontram-se com Teófilo Benedito Ottoni, que comandava a turma de trabalhadores encarregados de abrir o caminho até Santa Clara. Participaram dessa

empreitada os Srs. Augusto Benedicto Ottoni, o capitão Marcelino Domingues da Silva, Antonio Ernesto Coelho, tente coronel Silvério José da Costa e José Silvério da Costa (a partir do Alto dos Bois) enquanto o Sr. Casimiro Gomes Leal comandava a turma da Trindade. Neste mesmo ano, antes de regressar ao Rio de Janeiro, Teófilo B. Ottoni, organiza o trabalho da Cia em três grupos. Um grupo, chefiado pelo irmão Augusto, com auxílio do alemão Roberto Schlobach, ficou com a incumbência de construir as instalações da futura cidade e transformar as picadas em estradas. O segundo, que era comandado pelo cunhado Joaquim José de Araújo Maia Junior, auxiliado pelo engenheiro Oscar Henning, foi encarregado de alinhar e construir a estrada Santa Clara-Philadelphia. O terceiro grupo era chefiado pelo primo e médico, Manoel Esteves Ottoni, que se responsabilizou pela administração de Santa Clara, tendo sido encarregado de construir os armazéns e outras benfeitorias na localidade.

Em 1853 Teófilo B. Ottoni retorna a Santa Clara e assume a direção dos trabalhos com a nova estrada e em agosto daquele ano inaugura a primeira estrada de rodagem no Brasil, numa extensão de 170 km. De acordo com os registros de historiadores, em 1859, ano em que Teófilo Benedito Ottoni deixou a região, trafegavam pela estrada mais de 40 carros populares puxados por bestas, 200 carros de boi e 400 lotes de burros. No aniversário da independência, no dia sete de setembro, Teófilo B. Ottoni faz a inauguração de Philadelphia como centro das colônias do Mucuri.

Além dos nomes anteriormente citados, circulavam pela estrada carreiros e tropeiros. Dentre eles, segundo os historiadores, encontram-se os nomes dos Srs. Fulgêncio Fernandes da Silva (o primeiro tropeiro), Jorge Bossetti, Domingos de Andréa Romeiro, Antonio Laender, José Laender, Xavier Laender, Miguel Laender, Bernardino Campos, Agostinho Campos, Olympio Collares, Antonio Leite Sampaio, Cassiano de Freitas, Juvenato de Freitas, José de Avila Garcia, Antonio Alves de Vasconsellos, além de colaboradores na construção da estrada como os Srs. Antonio José Velloso Soares e Venâncio Caldeira Brant.

A colonização

A colonização do Mucuri se deve ao empresário e político Teófilo Benedito Ottoni, após a fundação da Companhia de Comércio e Navegação do Mucuri, de capital aberto, com incentivo do governo imperial e do governo da Província de Minas Gerais. Sendo insuficiente a migração procedente do Jequitinhonha, trouxe imigrantes europeus, inicialmente como planejara.

Os primeiros colonizadores europeus eram 27 suíços, que chegaram em julho de 1856 em Philadelphia. Em seguida chegaram os primeiros 130 colonos de nacionalidade alemã. Já nessa época as colônias do Mucuri eram habitadas por cerca de 2000 pessoas de nacionalidade brasileira e por estrangeiros.

A colonização planejada por Ottoni não pretendia usar o colono como mão-de-obra. Baseava-se em ter o colono como sócio da Cia. do Mucuri. Eram pequenos e médios produtores agrícolas. Também existiam as grandes fazendas, que eram propriedades escravistas, com a produção direcionada para exportação. Portanto, o modelo de desenvolvimento proposto por Ottoni era agrário e rural.

Apesar do sucesso obtido com a experiência dos primeiros europeus, problemas com algumas levadas de imigrantes, dificuldades financeiras, escassez de alimentos, alta mortalidade provocada pelas febres e inimizades políticas desencadearam o processo que levou ao fechamento da Companhia, tendo sido encampada pelo Governo Imperial em 1860. Nove anos mais tarde veio a falecer, vitimado pela malária, adquirida nas matas úmidas do Mucuri.

Apesar de todos os infortúnios, inclusive com as más administrações posteriores à encampação, as colônias do Mucuri continuaram progredindo, elevando Philadelphia à categoria de freguesia, em 1876. Em 1877 a ex-colônia exportava o excesso de produção local, ou seja: 332.304 litros de milho, 26.548 de feijão, 54.360 de arroz. Os estabelecimentos rurais compunham-se de: 14 engenhos para mandioca, 2 engenhos de pilão movidos a água, 1 engenho de cana movido a bois, 4 moinhos, 10 monjolos, 2 despoldadores de café, 1 alambique e uma fundição de ferro. A criação de animais pertencentes aos colonos era assim distribuída: cavalari (166); muar (2); vacum (260) e suínos (632).

Em documento pertencente à Comunidade Evangélica de Teófilo Otoni, o historiador Gustavo Ferreira relata que tomou conhecimento de um relatório do júri da Exposição Agrícola, Comercial e Industrial, realizada em Philadelphia, no ano de 1874. Dentre os dados apresentados, alguns chamam a atenção. Além de conter os nomes dos expositores, a relação dos produtos expostos e a relação dos expositores premiados, havia o registro de estabelecimentos industriais como 1 fundição de ferro, 1 fábrica de charutos, 1 fábrica de cigarros, 1 fábrica de fitoterápicos, 2 produtores de aguardente de cana – de – açúcar, 2 produtores de cerveja e 1 produtor de queijo coalho. Faziam parte do júri os Srs. João de Carvalho Borges Junior, Quintiliano Alves Ferreira de Almeida, João Feliciano Lopes da Silva, João Soares da Costa, Nuno Barbosa Senna, Manoel Dantas de Carvalho e Joaquim Arnaldo Ferreira.

Infelizmente o espaço disponível no nosso jornal não permite que outras informações sejam agora apresentadas. Esperando que aquilo que aqui foi escrito desperte o interesse pela bela história da nossa região faço o convite para que leia os livros citados na bibliografia abaixo apresentada, de onde foi retirado esse material. Aproveite.

Referências:

- Araujo, V. L. *A Filadélfia de Teófilo Otoni: uma aventura cidadã*. Belo Horizonte. Afato, 2003.
- Araújo, V. L. *Teófilo Otoni e a Companhia do Mucuri: A Modernidade Possível*. Belo Horizonte. Arquivo Público Mineiro, 2007.
- Chagas, Pinheiro Chagas. *Teófilo Otoni: ministro do povo*. Belo Horizonte. Itatiaia, 1978
- Ferreira, G. *Os bandeirantes modernos: o desbravamento e a colonização das matas do Valle do rio Mucury, em Minas Gerais*. Belo Horizonte, 1934.
- Porto, Reynaldo Otoni *Notas históricas do Município de Theophilo Otoni*. Theophilo Otoni. Typografia S. Francisco, 1928.
- Ribeiro, Eduardo Magalhães. *O cavaleiro e as selvas: as aventuras de Teófilo Benedito Otoni, o Mucuri e o Jequitinhonha do século XIX*. Belo Horizonte. Itatiaia, 1978.

Crédito da imagem: Percy Lau. In: CHAGAS, Paulo Pinheiro. *Teófilo Otoni: Ministro do Povo*. 4º ed.rev. aum. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982,p.209.

